SEM PASSADO, SEM FUTURO:
a representação das elites e a utopia possível em *O*
desejo de kianda

NO PAST, NO FUTURE:
the representation of elites and the possible utopia in
The return of the water spirit

LETÍCIA VITAL FERREIRA¹

Data em que o trabalho foi submetido: **23/02/2024**

Data em que o trabalho foi aceito: **22/04/2024**

¹ Mestranda no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo (USP). E-mail: leticia.vital.ferreira@usp.br

SEM PASSADO, SEM FUTURO:
a representação das elites e a utopia possível em *O desejo de kianda*

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a Literatura se apresenta dentro de um modo de produção e, portanto, está invariavelmente conectada aos demais processos desse (Eagleton, 2011), o presente artigo pretende explorar as conexões entre o romance *O desejo de Kianda*, de Pepetela, e o contexto angolano de Guerra Civil. Para isso, leva-se em conta a conexão histórica que a Literatura angolana estabelece com sua história, sem deixar de considerar que essa forma de arte não copia o contexto externo, mas sim conjectura e problematiza ansias e medos coletivos. Assim, destaca-se a representação das elites políticas e econômicas na obra em questão como crítica aos descaminhos do governo e à desconexão com a realidade da população, com a tradição, e também com a construção de um futuro melhor. Tendo como base o simbolismo da destruição da cidade de Luanda (Macêdo, 2006) e da união entre mais-velhos e crianças (Padilha, 2011), a análise de trechos da obra possibilita a leitura utópica da conexão entre Cassandra, Velho Kalumbo e Kianda em prol da reinvenção de Angola.

Palavras-chave: Literatura angolana. Pepetela. O desejo de Kianda. Guerra civil angolana.

NO PAST, NO FUTURE:
the representation of elites and the possible utopia in *The return of the
water spirit*

ABSTRACT

Based on the assumption that Literature presents itself within a mode of production and, therefore, is invariably connected to other processes within it (Eagleton, 2011), this article intends to explore the connections between the novel *The return of the water spirit*, by Pepetela, and the Angolan context of the Civil War. To do this, the historical connection that Angolan Literature establishes with its history is taken into account, without, however, forgetting that this form of art does not copy the external context, but rather conjectures and problematizes collective desires and fears. Thus, the representation of political and economic elites in the work in question stands out as a criticism of the government's misdirections and its disconnection with the reality of the population, with tradition, and also with the construction of a better future. Based on the symbolism of the destruction of the city of Luanda (Macêdo, 2006) and the union between elders and children (Padilha, 2011), the analysis of excerpts from the work enables a utopian reading of the connection between Cassandra, Velho Kalumbo and Kianda in favor of the reinvention of Angola.

Keywords: Angolan literature. Pepetela. The return of the water spirit. Angolan civil war.

INTRODUÇÃO

Os encontros e desencontros entre os estudos literários e os históricos podem ser abordados a partir de pontos extremos: de um lado, a obra pode ser abordada por si, desconsiderando contexto de produção, autoria, dentre outros aspectos que essa metodologia julga acessórios; no extremo oposto, pode ser considerado que a Literatura reflete a realidade tal qual, seja do ponto de vista biográfico da autoria, seja da História do contexto de produção ou da narrativa. A abordagem metodológica do presente artigo considera não somente “(...) a literatura como texto, mas também como uma atividade social, uma forma de produção social e econômica que existe ao lado de outras formas semelhantes e que se inter-relaciona com elas” (Eagleton, 2011, p. 109). Desse modo, mesmo que a obra em questão não referencie um momento político ou histórico específico no plano do conteúdo, possui, inerentemente, uma relação com outras facetas da sociedade a ela contemporâneas. Nos casos em que o texto aborda questões históricas, no entanto, torna-se essencial refletir se a historicidade está limitada meramente ao enredo, ou se é parte integrante do texto, participando da sua estrutura enquanto obra de arte:

Tomando o fator social, procuraremos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético) (Candido, 2023, p.17).

Por isso, tomamos como ponto passivo a relação entre História e Literatura, e o enriquecimento de ambos os campos do conhecimento a partir do trabalho interdisciplinar. Valorizamos, no entanto, a capacidade do fazer literário de não se prender à reprodução dos fatores externos, abrindo margem aos questionamentos sobre a materialidade da vida justamente ao propor que o leitor seja confrontado também com possibilidades alternativas - a própria teoria do Romance de Frye estabelece o gênero enquanto “uma concretização de desejo ou fantasia utópica que visa a transfiguração do mundo da vida cotidiana” (*apud* James, 1981, p. 128).

Essa discussão é extremamente relevante quando consideramos a literatura angolana, já que as obras, desde o início de suas escritas, estão vinculadas ao contexto de produção e às preocupações históricas e políticas da nação. Nos textos pré-Independência,

a temática da opressão colonial toma conta de grande parte da produção literária - esse é o caso, por exemplo, de *Luuanda*, do paradigmático Luandino Vieira, cujos contos criticam a violência colonizadora, ao mesmo tempo em que abrem espaço para possíveis resistências entre os colonizados: “Com seus contos [...] Luandino ‘dispara’ o gatilho da arma da esperança da liberdade por vir, espalhando sementes de futuro no arado solo de suas estórias” (Padilha, 2015, p.20). A questão da luta anticolonial também se tornou temática frequente nas páginas angolanas antes, durante e posteriormente ao conflito. No caso de uma obra escrita durante a própria guerra de Independência, destacamos *As aventuras de Ngunga*, história de um jovem guerrilheiro em prol da libertação nacional. O texto de Pepetela possuía função didática e, em certa medida, mobilizava os conhecimentos e experiências que o próprio autor teve durante seu período na luta armada:

(...) o tom épico e didático emprestado por Pepetela à sua narrativa que [...] conta a estória de um pioneiro que se aventura pelas trilhas da sua terra para iniciar-se na arte de ser guerrilheiro. O texto afirma-se como um grito de convocação, como um apelo de adesão às forças revolucionárias e, por isso, apresenta uma personagem-símbolo do que o homem africano pode fazer pela sua terra. À medida que as páginas vão sendo viradas, as lições vão-se apresentando aos leitores, que, pelos olhos de Ngunga, penetram no interior de Angola para conhecer seus costumes, seus segredos (Campos, 2009, p.232-233).

O entrelaçamento, na escrita de Pepetela, entre a arte de narrar e o contexto histórico e social angolano não se limita a essa primeira obra. É conhecido o exemplo da obra *Mayombe*, que, publicada em 1979, cinco anos após o fim do conflito anticolonial, retoma o tópico da guerrilha a partir de um olhar interno, preocupado em reforçar as opressões sofridas pelo sistema colonial, mas também em problematizar contradições intrínsecas ao próprio movimento de libertação de modo a contemporizar preocupações acerca do futuro da nação independente.

A oposição ao colonizador é uma convicção para os guerrilheiros, e suas preocupações não se concentram somente nesse embate, mas já nos apontam os obstáculos a serem transpostos por eles, angolanos, para a efetiva libertação da nação. Obstáculos como o chamado “tribalismo”, os conflitos entre as camadas intelectuais e as camponesas, além da prática de corrupção por parte de alguns dos militantes que ocupavam cargos de direção e da política muitas vezes excessivamente centralizadora dos dirigentes (Ruivo, 2009, p.242).

Apesar da importância do colonialismo e da guerra de Independência para a compreensão adequada da nação que se tornou Angola e, conseqüentemente, para suas

produções artísticas, também é verdade que, desde a Independência do país, declarada em 11 de novembro de 1975, outros temas se tornaram significativos para a Literatura angolana. Dentre as preocupações dos escritores no período pós-Independência, destacamos a questão da prolongada guerra civil², a qual se seguiu ao já extenso conflito contra a colonização portuguesa, e as críticas aos descaminhos do governo do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Nesse último tópico evidencia-se o desvencilhamento dos ideais socialistas iniciais em prol da abertura do mercado, processo possível dado o crescimento econômico proveniente da exportação de petróleo - o impulso à liberalização da economia, no entanto, mostra-se como motivada pelo partido e voltada ao seu próprio engrandecimento (Sousa, 2019, p. 97), e ocorre conjuntamente com a escalada, a partir dos anos 80, dos casos de corrupção (Höring, 2015, p.81), acentuando ainda mais as desigualdades do país.

Esse período e suas problemáticas são explorados no romance *O desejo de Kianda*, publicado originalmente em 1995³ por Pepetela. O contexto histórico internalizado na obra, coincide com o existente exteriormente ao livro, o que pode ser notado graças a uma série de referências a acontecimentos da História angolana, dos quais podemos citar: o breve cessar-fogo da Guerra Civil em 1989; o início do multipartidarismo em Angola; as eleições presidenciais e parlamentares de 1992; a retomada da guerra e sua expansão para as cidades (deixando, portanto, de ser um conflito restrito às áreas rurais); e a substituição dos antigos ideais socialistas pela economia de mercado, adotada pelo MPLA. Desse modo, *O desejo de Kianda* invariavelmente discute a questão da guerra civil angolana, assim como aponta para as contradições internas de um país que se propôs ao socialismo, mas que é dominado por uma elite política distanciar-se cada vez mais do povo e de suas necessidades materiais, traindo, portanto, a ideologia à qual se comprometera, pautada na construção de um futuro de coletividade e igualdade.

(...) um aspecto característico da estética romanesca de Pepetela é a guerra como marcador de temporalidade. Esse tipo de marcação da dinâmica temporal tão frequente nos romances de Pepetela é a determinada “matéria temporal”: narrar a nação angolana pressupõe a textualização de um passado de guerras e falar da guerra como força motriz das transações cíclicas [...]. É também a guerra que marca o ritmo da periodicidade, com a desestruturação social, a sua reordenação implicando

² A Guerra Civil Angolana ocorreu entre 1975 e 2002 e envolveu dois grupos anteriormente interessados na Independência do país, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

³ Neste artigo as citações e referências ao livro serão feitas a partir da edição de 2014, publicada por Texto Editores.

reajustamentos de mentalidades e instituições, significadores importantes de mudanças dos ciclos históricos (Mata, 2009, p.203).

No recorte histórico da obra, acompanhamos dois núcleos de personagens - o primeiro com protagonismo de Carmina Cara de Cu (CCC), militante em ascensão dentro do MPLA, e de seu marido, João Evangelista. CCC funciona, na narrativa, enquanto metonímia do próprio partido - a parte pelo todo se encontra até mesmo em sua alcunha, que contém em si também a sigla “CC”, utilizada para referir-se ao Comitê Central. Devido a essa associação entre a personagem e o partido, Carmina espelha as críticas ao momento político vivido na década de 90 - os problemas de corrupção do partido aparecem escancarados em sua prática, assim como a falta de direcionamento político, notável a partir da abertura econômica e consequente transformação dos políticos (inclusive Carmina) em empresários bancados pelo Estado.

Nesta primeira onda de privatizações, as centenas de fazendas estatais criadas pelo governo de Agostinho Neto foram vendidas a funcionários, oficiais do Exército e parentes dos membros do MPLA a preços nominais, em prejuízo dos pequenos produtores rurais que cultivavam estas terras e em favor de uma nova classe de fazendeiros angolanos. Além disso, o Estado manteve diversas leis e entraves burocráticos para as atividades empresariais, o que passou a demandar ampla rede de contatos no nível mais alto do Estado para a realização de atividades comerciais no país, facilitando a formação de estruturas oligopolísticas (Hodges, 2007 *apud* Höring, 2015, p.83).

Esse processo é representado, na obra de Pepetela, a partir da espoliação dos bens do partido. Carmina, inicialmente horrorizada pela liberalização e desvio dos ideais até então defendidos, logo supera seus escrúpulos ao observar o rumo tomado pelos demais membros do partido, decidindo, assim, também tornar-se uma pessoa de negócios através do aproveitamento de suas ligações com o MPLA:

Todos os que são ou foram responsáveis se estão a ajeitar. Uma coisa aqui, outra coisa ali. Por exemplo, o Samuel, conheces, abateu à carga todos os carros do Ministério e ficou logo com cinco, os outros foram um para cada Director, forma de lhes calar o bico. O Bisnaga apanhou uma série de camiões militares e está a construir uma frota privada impressionante [...] o dito oficial conseguiu que se abatesse à carga um barco da Marinha de Guerra, com canhões e tudo, que ele comprou pelo preço simbólico de mil kuanzas, o que na época dava para encher um depósito de gasolina dum carro pequeno (Pepetela, 2014, p. 19)⁴.

⁴ O texto de Pepetela ocasionalmente faz uso de grafia que aproxima o discurso escrito da oralidade, caso de “camiões”. As escolhas estilísticas foram mantidas integralmente nas citações aqui apresentadas.

Enquanto Carmina e seus companheiros apresentam ascensão econômica e política, João, um homem completamente apático e pouco participativo no seu próprio destino ou no nacional, acaba por se tornar um viciado em jogos de computadores que o alheiam cada vez mais da realidade e de qualquer senso de comunidade. Simultaneamente ao crescimento de Carmina enquanto figura pública e empresária e ao ensimesmamento de João, a Luanda ficcionalizada por Pepetela passa por acontecimentos curiosos que acabam sendo denominados “Síndrome de Luanda”: trata-se da misteriosa queda dos edifícios do Kinaxixi, ainda mais inexplicável devido ao fato de nenhuma das vítimas se machucar durante a queda - são somente os prédios que deixam de existir em uma nuvem de cimento e tijolos. Trechos em itálico espalhados pelo livro acompanham o segundo núcleo de personagens da narrativa, protagonizado por Cassandra, uma criança capaz de escutar o canto que explica o mistério - a partir dessas passagens descobrimos, aos poucos, que é Kianda a responsável pela queda dos prédios. Esse ser mítico da cultura popular luandense tem sua morada original na lagoa do Kinaxixi (Vecchi, 2019, p. 205), aterrada ainda no período colonial - revoltada com as opressões vividas e observadas, Kianda teria começado a destruir os edifícios em busca de liberdade.

Percebemos, portanto, que *O desejo de Kianda* é circunscrito temporal, como discutido anteriormente, e espacialmente. Mais do que referenciar apenas o país Angola, a história se passa em Luanda, dando destaques para localidades específicas como o caso do Kinaxixi, espaço tradicionalmente associado à Kianda, ou Luanda-Sul, mencionada ao discutir um “(...) projeto de edificar Luanda-Sul, no fundo uma cidade para os ricos” (Pepetela, 2014, p. 84). A referência a esse bairro de elite é uma das diversas menções a aspectos que escancaram as desigualdades socioeconômicas, pois contrasta com a maior parte da cidade, marcada pelos efeitos indiretos do conflito armado: “(...) miséria indescritível dos refugiados e das crianças órfãs ou abandonadas que enchiam as ruas da capital, dormindo ao relento nos pórticos da Avenida Marginal ou na areia da Ilha de Luanda” (Pepetela, 2014, p. 65). A obra passa a destacar também como o recrudescimento do conflito, ocorrido após a divulgação da vitória do MPLA nas eleições de 1992, fez com que a violência da guerra passasse a ser sentida também nas cidades: “Antes a guerra era apenas no campo, uma guerrilha que só aparecia pelas consequências. Depois das eleições, a guerra passou a ser cidadina, a destruir prédios” (Pepetela, 2014, p. 54-55). O autor emprega em seu texto, portanto, um momento específico da guerra civil, no qual a violência se tornou palpável para as populações urbanas.

A guerra civil eclodiu em Angola em 1 de novembro de 1992 e foi diferente da guerra colonial de 1961, da guerra intervencionista de 1975, e da guerra de desestabilização dos anos 80. Todos os três conflitos anteriores foram travados principalmente no campo e tinham afetado as cidades apenas indiretamente. A guerra de 1992 envolveu cidades inteiras (Birmingham, 2015, p. 2087).⁵

A aproximação do conflito entre MPLA e UNITA à cidade de Luanda soma-se à transformação da capital, tanto no aspecto físico como na sensação de insegurança de seus moradores. Esses dados são relevantes para a compreensão da obra literária, mas também da conjuntura social do momento narrado, visto a importância de Luanda para a identidade nacional desde anteriormente à Independência, tal qual destacado por Inocência Mata:

Com efeito, essa escrita ficcional, resultante da ficcionalização do acontecido, registra histórias acontecidas, estórias das vivências e experiências dos angolanos numa sociedade marcada por conflitos de várias ordens: sociais, econômicos, políticos, étnicos, raciais, culturais... Sendo Luanda o espaço privilegiado para a criação de condições para a reivindicação pátria, torna-se lugar simbólico de consciencialização política (Mata, 2012, p.27).

Luanda assume, portanto, na literatura e no imaginário angolano, o papel de convergência dos desejos nacionais (Macêdo, 2006, p. 179) - no entanto, se no período pré-Independência a cidade de Luanda incorpora em si a busca dos angolanos por emancipação, no pós-Independência o mesmo espaço passa a ilustrar a não-realização dos desejos utópicos e a desarticulação da nação. Assim, passam a ser frequentes os textos nos quais a capital é destruída - neles, inclui-se o objeto do presente artigo, *O desejo de Kianda*, em que, para além dos efeitos da guerra na composição da cidade, Kianda impõe a queda dos prédios do Kinaxixi para que suas águas, antes contidas, possam se expandir, ocupando ruas e avenidas, e reinventando esse espaço tão conhecido nacionalmente.

Aqui, não se trata mais de apontar o caos, ou de elaborar a crítica aos rumos nebulosos da administração, mas sim da destruição da capital, e, nesse sentido, simbolicamente e do ângulo que vimos perseguindo, de denunciar como exaurido um projeto que se iniciou em fins dos anos 50 e percorreu os últimos quarenta anos da literatura angolana. [...] somos tentados a ler o romance de Pepetela [*O desejo de Kianda*] como um texto-síntese das imagens construídas pela Luanda literária e, em movimento complementar, como um arauto de novos tempos que apontam para a derrocada final da cidade, que se anuncia paulatinamente, a cada ação empreendida

⁵ Tradução própria. Texto original: “Civil war broke out in Angola on 1 November 1992 and was different from the colonial war of 1961, from the interventionist war of 1975, and from the destabilization war of 1980s. All three of the earlier conflicts had been fought primarily in the countryside and had only indirectly affected towns. The war of 1992 concerned whole cities”.

pelo casal de personagens protagonistas, sobretudo aquelas levadas a efeito pela arrivista e corrupta Carmina (Macêdo, 2008, p. 200-201).

A destruição de Luanda provocada por Kianda aparece, no romance em questão, em sintonia com a ascensão de Carmina - a queda dos prédios é gradual e ocorre justamente após conquistas problemáticas da personagem (Teixeira, 2018, p.176). São exemplos disso o primeiro prédio, cuja queda ocorre justamente após o casamento de Carmina e João, evento marcado por desvirtuações da máquina pública em benefício individual, enquanto o quinto prédio vem abaixo após Carmina decidir ser uma empresária especializada na compra e venda de armas, lucrando com a guerra fratricida que marca tão negativamente a vida do povo angolano - a atitude deixa evidente a pouca relevância do futuro nacional para a tomada de decisões dos governantes.

- Como sabes, já o embargo internacional às duas partes do conflito. Quer dizer, o Governo legitimamente eleito⁶ não pode legalmente se armar para se opor ao nosso inimigo que guardou ilegalmente todo o seu poderio militar. Mas há uma maneira de se resolver a questão. Certas empresas, que não são do Governo, dão o nome para o Governo comprar armas e munições a outras firmas de países que nem produzem armas. Claro que a empresa que dá o nome para a operação ganha uma comissão, uma pequena percentagem porque é para um fim patriótico. Só que uma pequena percentagem num negócio de muitos milhões de dólares é muitas centenas de miles de dólares. Dólares, não é kwanzas ou rublos ou escudos. De dólares (Pepetela, 2014, p.55-56).

Os políticos transformados em empresários, dos quais Carmina é a grande representante, assumem a posição de fazer da violência uma fonte de enriquecimento individual - seja a partir do lucro com a guerra ou com a desigualdade, eles se utilizam de suas posições privilegiadas no aparato estatal para tomar decisões que beneficiam apenas a si mesmos, ignorando as dificuldades a que a maior parte da população está submetida. Nesse aspecto, a mudança do governo angolano de uma posição alinhada ao socialismo para um país capitalista e neoliberal, inclusive com o ingresso de Angola ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial (Pegado, 2014 *apud* Sousa, 2019, p. 91), segue a diretriz de outros países nos quais o princípio da independência do mercado não se aplica aos ricos, já que esses são continuamente auxiliados pelo Estado - a não interferência é válida somente para os pobres (Chomsky, 2017, p. 996). No caso da obra de Pepetela, a falta rege a vida da maior parte da população, enquanto Carmina e outros

⁶ Aqui faz-se menção às eleições de 1992, nas quais o resultado favorável à eleição de José Eduardo dos Santos, candidato do MPLA, foi contestada pela UNITA, acarretando a retomada do conflito.

membros da elite conquistam acordos financeiros escusos que limitam o desenvolvimento do Estado:

- Pois é querido, a Jota⁷ vai alugar uns andares na sua sede. Claro que consigo ficar com um bom andar, para montar a empresa. Aliás, na próxima reunião já se vai tomar a decisão, tenho o apoio de todos os camaradas, já os sondei. Por enquanto é só alagado, mas mais tarde posso mesmo comprá-lo.
- A preço de chuva, imagino.
- Tem de ser. De outro modo, como se pode criar um empresariado nacional? [...] Para se criar os empresários, alguém tem de perder capital a favor deles. E é sempre melhor ser o Estado (...) (Pepetela, 2014, p.22-23)

No livro, a questão habitacional é uma das grandes ilustrações da desigualdade. Por um lado, a elite política e financeira sequestra o aparelho estatal de modo a garantir a si mesma apartamentos para moradia e para suas novas empresas privadas - isso ocorre antes mesmo do governo assumir publicamente suas posições capitalistas, como fica claro logo no início do romance quando, na época do casamento com João, Carmina “(...) traficou as chaves dum apartamento em óptimo estado [...]. Daí a legalizar o apartamento em nome dele foi só um passo: ela tinha optimus relacionamentos no Governo” (Pepetela, 2014, p.7); posteriormente, enquanto crescia o número de desalojados pela guerra e pela queda dos prédios, é dito que “[f]oi por essa altura que terminaram o processo de compra do apartamento [...]. Já que a casa agora lhes pertencia, Carmina decidiu que eram precisas obras” (Pepetela, 2014, p.58-59). Essas condições contrastam com, por exemplo, o local de moradia da menina Cassandra, um prédio cuja construção nunca fora finalizada, em referência a um acontecimento real da capital: a ocupação, apesar dos riscos e más condições, de um edifício de dezessete andares cuja construção fora interrompida por infiltrações do lençol freático (Macêdo, 2008, p.141).

O prédio já tinha inquilinos, vindos não se sabia de onde [...]. Como não tinha paredes completas, puseram cartões e contraplacado. Improvisaram escadas, pois a principal não estava acabada. Um dia apareceu um apartamento iluminado. Tinham feito um puxado dum poste eléctrico da rua. Mais gente sem abrigo foi atraída pelo prédio (Pepetela, 2014, p.32).

No romance de Pepetela, a queda dos prédios de Luanda se dá em sincronia ao movimento da ascensão de poucos em detrimento de todo um projeto de nação. A destruição imagética da capital e, conseqüentemente, do projeto político-ideológico de futuro pautado na união e prosperidade popular nacional por ela representado, parece estar

⁷ Referência à Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola.

em sintonia com a tomada de decisões de Carmina enquanto metonímia dos ricos e poderosos. Nesse aspecto, é significativa a relação que essa personagem assume com a comida:

Comprovando que o inconsciente é o corpo, CCC quando se sente ameaçada e temerosa de perder os privilégios, emagrece e, pelo contrário, quando se sente segura, engorda. A narrativa a surpreende ligada à comida, ou na hora do almoço, ou na hora do jantar, ou nas frequentes idas aos recém-inaugurados restaurantes onde comunica ao marido, entre um bom prato e whisky envelhecido, seus novos planos de enriquecimento. Através da metáfora da comida, faz-se uma denúncia de que a mesa é o local onde se consomem e se digerem esquemas de corrupção e é, também, por isso mesmo, o símbolo de que poucos vivem do que a muitos falta (Alves, 1997, p.241).

O vínculo entre Carmina e as refeições, muitas vezes suntuosas, é interessante ainda a partir de duas perspectivas. Primeiramente, chama atenção a maneira como ela e João, especialmente esse, vivem de modo parasitário, alimentando-se do que os outros produzem - de modo similar a como conquistam sua riqueza. Quando almoçam em casa, é a empregada quem lhes prepara a comida, e são outros trabalhadores os responsáveis pelo que consomem nos restaurantes frequentados. Desse modo, esses dois protagonistas jamais são representados preparando algo substancial por si próprios. Quando o prédio de Honório cai, por exemplo, João tenta auxiliar o amigo sem jamais comprometer seu conforto, inclusive no que diz respeito à alimentação do outro.

João Evangelista estava a fazer as contas e a constatar que a Joana, a empregada, já tinha ido embora. Devia ter pensado nisso antes. Quem ia fazer a comida para os amigos? Carmina nem pensar, chegava e queria comer logo. O jantar estava feito, mas não dava para quatro. Tinha que ser ele próprio, claro. Uma omeleta ou ovos mexidos dentro de pão e estava tudo bem, pôssas, também não era nenhum restaurante [...]. Também podia ser uma pizza que estava no congelador. Basta aquecer (Pepetela, 2014, p.42).

O segundo ponto a ser destacado é a comida enquanto símbolo da desigualdade, questão levantada pelo próprio narrador: “Carmina chamou o criado e encomendou uma garrafa de champanhe, o mais caro francês, porque em Luanda sempre foi assim, temos fome e o melhor champanhe francês e uísque velho” (Pepetela, 2014, p.73). A diferença entre os que podem gastar com restaurantes caros e a maior parte da população também pode ser observada mais uma vez a partir do contraste com Honório, que, assim como outras pessoas cujas casas foram destruídas, depende do Programa Alimentar Mundial (PAM) para a sobrevivência: “No meio [do largo do Kinaxixi], separadas dos escombros pelo asfalto, as dezenas de tendas da Cruz Vermelha, algumas já rotas, onde viviam os

refugiados. [...] Vivendo da comida do PAM, sem esperança de encontrar facilmente nova casa (...)” (Pepetela, 2014, p.92-93). Podemos concluir, portanto, que o estilo de vida dos membros da elite - mesmo dos políticos, de quem seria esperado um compromisso para com a população em geral - está, no romance de Pepetela, em completa disjunção com as necessidades materiais da grande maioria da população. Isso é pontuado pelo próprio Honório quando conversa com João a respeito da dificuldade de superar a situação de desalojamento e encontrar uma nova morada:

Sabes, tenho de arranjar dinheiro para uma casa. Comprar tijolo e cimento, recrutar pessoal, terreno já consegui. É impossível construir um quarto que seja com o salário que nos dão. Claro que contigo estes problemas não se põem, tens sorte de ter casado com a Carmina, mas são os mambos de toda a gente, de noventa e nove por cento da população (Pepetela, 2014, p.89).

Essa fala se torna ainda mais significativa se levarmos em conta que, momentos antes da conversa, o narrador discutia justamente a busca de Carmina por uma nova casa, e o desejo pelo projeto de “(...) condomínios rodeados de relva, piscinas e esquemas de segurança bem montados” (Pepetela, 2014, p.84) - Carmina e os demais membros da elite apresentam, assim, grande desconexão em relação às necessidades básicas do povo. Isso pode ser percebido também em trechos nos quais fica evidente o desconforto sentido pelos ricos ao entrarem em contato, ainda que brevemente, com realidades diversas às suas - e o modo como preferem ignorá-las.

Luanda se ia enchendo de gente fugida da guerra e da fome, num galopante e suicidário crescimento. Milhares de crianças sem abrigo vagueavam pelas ruas, milhares de jovens vendiam e revendiam coisas aos que passavam de carro, mutilados sem conta esmolavam nos mercados. Simultaneamente as pessoas importantes tinham carros de luxo, de vidros fumados, ninguém que lhes via a cara, passavam por nós e talvez nem olhassem para não se incomodarem com o feio espectáculo da miséria. João Evangelista não queria pensar na guerra nem na miséria. Se lançou ao jogo em desespero, esquecendo a vida (Pepetela, 2014, p.98).

O trecho acima chama atenção para uma das grandes problemáticas da continuada guerra civil em Angola: as migrações - questão essa que perdura mesmo após o fim do conflito. Estudos mostram que entre 1975, ano da Independência e do início dos conflitos internos, e 1996, houve massivos deslocamentos de pessoas das zonas rurais para as cidades (Carvalho, 2016 *apud* Miranda, 2022, p. 63-64). Essas populações de deslocados sofriam duplamente pela continuada guerra civil, pois além de serem expulsas de suas terras, enfrentavam também péssimas condições na cidade – especialmente quanto à falta

de água e luz (Bittencourt, 2016, p. 188). O texto de Pepetela destaca, para além das dificuldades encontradas por essa crescente população de refugiados em Luanda, a falta de suporte que encontram nos seus representantes governamentais.

Nesse aspecto, *O desejo de Kianda* apresenta a gritante desigualdade entre a vivência geral da população e as elites que ignoram (ou fingem ignorar) o sofrimento que as cerca. No caso, não são apenas Carmina e os demais políticos-empresários que estão desconectados da população pobre; João “(...) ainda sem assumir a condição de empresário milionário (...)” (Pepetela, 2014, p. 94) enxerga o sofrimento ao seu redor, mas não age de forma alguma para evitá-lo e, mais do que isso, foge da realidade ao tomar refúgio no computador para não precisar pensar a respeito. Sua obsessão com jogos de conquista e expansão territorial parece explicitar seu alinhamento com mentalidades opressoras, e até mesmo colonizadora - ele enxerga essas falhas de caráter na esposa, criticando-a sempre silenciosamente, mas não efetivamente tomando posições contrárias. Vale pontuar aqui, por exemplo, o modo como Carmina altera o nome das empregadas por impaciência de aprender a diferenciá-las:

Sô Ribeiro, isso é coisa da minha mulher. Mudamos muito frequentemente de empregada, elas não param cá em casa. [...] a minha mulher diz que não tem paciência para estar sempre a aprender um novo nome. Como a primeira se chamava Joana, as outras todas aqui em casa passaram a se chamar Joana. [...] Eram as senhoras coloniais que mudaram os nomes das empregadas para Maria ou Joana, vem mesmo na literatura. E a sua mulher tinha aprendido com as colonas e usava depois da independência o mesmo sistema (Pepetela, 2014, p. 63-64).

Apesar de se mostrar envergonhado para com a atitude da esposa, João não deixa de participar da violência que retira a individualidade das empregadas, transformando-as em massa amorfa de seres iguais, tal qual os colonizadores faziam antes da Independência. É possível concluir que o fim do colonialismo enquanto dominação geopolítica (e, segundo algumas perspectivas, o pós-colonialismo) não implica necessariamente no esgotamento das opressões resultantes desse sistema (Mata, 2008, p.24). Esse tipo de atitude ilustra as figuras da classe dominante como desconectadas do passado ao ponto de repetirem a desumanização que, no período pré-Independência, juraram destruir. Ao mesmo tempo, o texto marca também uma desconexão com o futuro; isso pode ser exemplificado pela reforma que Carmina faz em um apartamento cuja queda é provável - “Cometemos um erro dos diabos. Fazer obras num prédio que vai cair” (Pepetela, 2014, p.83) -, mas também pela desconsideração em relação ao futuro do país,

demonstrada através da especulação do aparelho público fomentada pelo empresariado, “Do ponto de vista dos legisladores, o futuro a longo prazo do país não importa muito [...] o que acontece à próxima geração é uma preocupação ainda menor”⁸ (Chomsky, 2017, p. 644-649).

Em consonância com essa falta de perspectiva histórica ou de futuro coletivo, João parece preso numa eterna repetição do presente já que, distanciado dos saberes ancestrais e desinteressado na construção de um mundo futuro, só concebe o agora enquanto tempo de satisfação pessoal - “João Evangelista resolveu interromper o jogo e ir deitar uma olhadela na praça, embora o espetáculo já não fosse novo” (Pepetela, 2014, p.92), “[e]ra uma repetição de algo que acontecera ou apenas a intuição que lhe fazia ver as cenas como já velhas?” (Pepetela, 2014, p.68). Essa falta de passado e de futuro que percorre a realidade alternativa das elites é exatamente o oposto do que marca Cassandra enquanto contraponto da narrativa: ela é a única que escuta o canto de Kianda - uma representante da tradição esquecida -, e também estabelece relações profícuas com o mais velho Kalumbo. Além disso, a menina simboliza um arauto do futuro: assim como a sua homônima da antiga Grécia, a pequena Cassandra escuta os sinais da destruição e tenta alertar os demais, sendo, no entanto, continuamente ignorada.

Kianda se sentia abafar, com todo aquele peso em cima, não conseguia nadar, e finalmente se revoltou. E cantou, cantou até que os prédios caíssem todos, um a um, devagarinho, era esse o desejo de Kianda. E foi isso que Cassandra contou ao mais velho Kalumbo.

*- Se devia avisar as pessoas do prédio que ele também vai cair. [...]
- Ninguém vai acreditar, nunca ninguém me ouviu. (Pepetela, 2014, p. 108, grifos originais)*

A união profícuas entre Cassandra e os dois representantes da tradição não parece, no entanto, favorecer a leitura de que a tradição da pré-colonização necessita retornar e substituir tudo que aconteceu posteriormente. Isso porque, em alguma medida, o livro tece críticas também ao tradicionalismo - aspectos relativos ao preconceito de gênero, por exemplo, aparecem associados à continuidade irrefletida de valores tradicionais, tais quais as expectativas em relação às mulheres. Nesse aspecto, apesar da clara reprovação à figura de Carmina enquanto política, a narração critica a oposição tradicionalista à personagem que cuidava da sua família, inclusive de seus irmãos homens - “Carmina não

⁸ Tradução própria. Texto original: “From the point of view of the policy makers, the long-term future of the country doesn’t matter so much [...] what happens to the next generation is even less of a concern”.

tinha boa fama junto das pessoas mais velhas lá no bairro [...] reconheça-se que era preciso muito estofado para tomar as rédeas da família com tão pouca idade, mesmo se a mãe era doente e os irmãos uns songamongas” (Pepetela, 2014, p.6). Dessa forma, a aliança estabelecida entre Cassandra, enquanto figuração do futuro, e os representantes da tradição implica menos em um retorno ao passado idílico e mais na tessitura de uma nova forma de lutar, especialmente se considerarmos o papel que a união entre crianças e idosos possui na história da literatura angolana.

Não há novo sem velho, ainda mais quando se trata de reelaborações do inconsciente coletivo de um povo africano [...]. O novo e o velho, juntos e interativamente articulados, eis uma vez mais reatualizada, no corpo do novo discurso, a imagem fundadora. Restabelece-se a antiga ideologia, mas com outras implicações ideológicas, como o momento de reconstrução exige. Já não é mais possível reafirmar o velho pelo velho, acriticamente, pois este velho se faz também outro, pelo processo de transformação pelo qual o novo o recria, além de ser por ele moldado. Com essa troca, a interação velho/novo se torna, nas malhas do moderno tecido-texto, cada vez mais intensa e fecundante, com a tradição e a transformação recriando-se mutuamente (Padilha, 2007, p.179).

Entendemos, então, que não se trata meramente da absorção de ensinamentos do mais-velho e da sua reprodução pela criança - isso fica demonstrado, por exemplo, pela maneira como é Cassandra quem escuta a voz de Kianda e, dessa forma, é o novo que assume o lugar de contador de histórias das vozes antigas, tendo no mais-velho Kalumbo não apenas alguém disposto a escutar, mas também um conhecedor das tradições capacitado para auxiliar na interpretação do canto da entidade: “*Cassandra finalmente encontrou alguém que nela acreditava. [...] - Pode ser Kianda a cantar, Kianda se manifesta de muitas maneiras - disse ele [mais velho Kalumbo] para Cassandra [...]. Cassandra ouvia e aprendia*” (Pepetela, 2014, p.97, grifos do autor). Desse modo, a conexão positiva e frutífera dessas duas personagens diverge do modo como Carmina e João se relacionam com as gerações mais velhas - Carmina qualifica as crenças dos mais-velhos enquanto “tradições obscurantistas” (Pepetela, 2014, p. 11), enquanto João tem dificuldade em se comunicar com o pai, de tal modo que a relação entre eles se mostra improdutiva - “Depois das habituais perguntas e informações sobre as saúdes recíprocas, se instalou um incómodo silêncio, João e o pai nunca tiveram muita facilidade de conversar (...)” (Pepetela, 2014, p. 99-100). Ao distanciar-se da perspectiva dominante na narrativa, esquecida do antigo e desconectada do porvir, a personagem Cassandra pode assumir uma função de futuro utópico, assim como em diversas narrativas angolanas: “A

diversidade dos cenários encontrados possibilita-nos uma visão da infância como potência, como possibilidade ante ao trauma e signo de transformação, quem sabe, de um tempo novo” (Da Silva, 2015, p.82).

É simbólico que, no final da narrativa, haja coincidência da queda dos dois prédios que representam oposições materiais tão severas - o prédio onde moravam Carmina e João cai simultaneamente ao prédio de Cassandra e do mais velho Kalumbo. A força unificadora de Kianda, no entanto, não é capaz de tornar equivalentes os desfechos dessas personagens: enquanto o velho Kalumbo “voava, cego, feito pássaro” (Pepetela, 2014, p.117) e Cassandra mergulhava nas águas, “[d]esaparecida para sempre” (Pepetela, 2014, p.118), o desfecho de João é manter-se “(...) abraçado ao computador, sem vontade de sair dali” (Pepetela, 2014, p.118). Os representantes da tradição (o mais velho e Kianda) encontram, em seus fins, imagens de liberdade nos mares e nos ares, de maneira similar a Cassandra, que escolhe mergulhar nas águas da entidade - “(...) foi esbracejando como quem nada e orientou a queda (...)” (Pepetela, 2014, p.117). Em contrapartida, João opta por permanecer imóvel, incapaz de se desvencilhar do mundo de fantasia que o separa da vida em coletividade - a falta de capacidade da elite para tomar decisões importantes se transfigura em imobilidade física, ilustrando a chegada do tempo de outros tomarem a dianteira da nação.

A proposta de alternativas está nas entrelinhas dos textos [de Pepetela] que tentam chegar à percepção histórica, instaurando outro tempo, o da heterotopia [...] longe de ser uma escrita de crise, ou pior ainda do declínio da utopia, à desmistificação da utopia (da nação e do homem novo) segue-se a sua revitalização (da utopia) e a dos caminhos épicos atrás trilhados. Disso resulta a construção de um outro tipo de utopia, que ora consiste numa deslocação do centro para a margem, da sombra para a luz, do monólogo para o diálogo, do mesmo para o diferente (...) (Mata, 2009, p.205-206).

Nos momentos finais da obra Honório apresenta a João um movimento espontâneo do povo que se coloca nu para refletir a própria miséria, o despojamento de todos os direitos originado na corrupção e desinteresse do Estado. Essa ação coletiva, apesar de caricatural, representa uma alternativa coletiva à realidade presente: “É um verdadeiro movimento de massas, não aqueles que conheces do passado, que eram cozinhados num gabinete e se chamava depois as massas para o apoiarem (...) Estamos a criar História, porque estamos a inventar as nossas próprias vias” (Pepetela, 2014, p.114).

A obra de Pepetela, assim, assume representação do modo como a História se mostra valiosa para a Literatura não somente ao fornecer conteúdo para a narrativa, mas

também ao apontar problemáticas relevantes para o artista contemporâneo. A arte literária, no entanto, ultrapassa o reflexo da exterioridade, tomando para si a função de desenvolver alternativas à realidade vivenciada. Desse modo, entendemos que o desenvolvimento de um movimento colaborativo também aponta para a utopia da novela, especialmente ao considerarmos que a consciência de classe carrega em si a utopia ao propor a união de uma coletividade (Jameson, 1981, p.349). Em *O desejo de kianda*, a coletivização de uma luta por justiça parece possuir consonância com união dos extremos da vida representados por Cassandra e Kalumbo, e ambos, através da escuta recíproca, potencializam a renovação da tradição em busca de um futuro alternativo, ainda por ser inventado. Apontando para a História já vivenciada, Pepetela abre espaço para a História ainda por vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Theresa Abelha. O desejo de Kianda: crônica e efabulação. **SCRIPTA**, v.1, n.1, p.237-245, março de 1997.

BIRMINGHAM, David. **A short story of Modern Angola**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2015.

BITTENCOURT, Marcelo. As eleições angolanas de 1992. **Revista TEL Tempo, Espaço, Linguagem**, v.7, n.2, 2016, p.170-192, setembro de 2017.

CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. **As aventuras de Ngunga: Nas trilhas da libertação**. In: CHAVES, Rita; Macêdo, Tania (Orgs.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 229-336.

CANDIDO, Antonio. **Crítica e sociologia**. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 15-30.

CHOMSKY, Noam. **Requiem for the American dream: the 10 principles of concentration of wealth & power**. Nova Iorque: Seven Stories Press, 2017. *E-book* (1878 pos.) P&B. ISBN: 9781609807375.

DA SILVA, Renata Flavia. Representações da infância na literatura angolana. **Estudos da AIL em Literaturas e Culturas Africanas de Língua Portuguesa**, 2015, p.77-82.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 160p.

HÖRING, Jéssica da Silva. **Os movimentos de libertação nacional em Angola: trajetória política, guerra civil e impactos sobre a construção do Estado (1975-2002)**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) -

Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

JAMESON, Fredric. **The political unconscious: narrative as a socially symbolic act.** Ithaca: Cornell University Press, 1981. 320p.

MACÊDO, Tania. Luanda: violência e escrita. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Orgs.). **Marcas da diferença: As literaturas africanas de língua portuguesa.** São Paulo: Alameda, 2006, p. 175-187

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura.** São Paulo: Editora UNESP, 2008, 240p.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?. **O MARRARE - Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ**, n.8, 2008.

MATA, Inocência. Pepetela: a releitura da História entre gesto e reconstrução. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Orgs.). **Portanto... Pepetela.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 191-207.

MATA, Inocência. Literatura e política em Angola, hoje: uma leitura da produção ficcional contemporânea. **Matraga - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ**, v.19, n.31, 2012, p.25-44.

MIRANDA, Osmilde Augusto. **Fluxos e origens da migração: um estudo sobre trajetória e modos de vida de roboteiros em Luanda/Angola 2002-2021.** 2022. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) - Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2022.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX.** Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011. 256p.

PADILHA, Laura Cavalcante. Da Certeza das *Vidas Novas* à *História Real de um Amor Impossível*. In.: ABDALA JUNIOR, Benjamin; SILVA, Rejane Vecchia da Rocha e (Orgs.). **Literatura e Memória Política: Angola. Brasil. Portugal.** Cotia: Ateliê Editorial, 2015. p.17-36.

RUIVO, Marina. *Mayombe: Angola entre o Passado e o Futuro.* In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Portanto... Pepetela.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.241-248.

SOUSA, Ana Carolina Melos de. **A formação do estado nacional em África e a retórica da etnicidade: uma releitura da guerra civil angolana.** 2019. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. O Desejo de Kianda, de Pepetela: da emersão do mito aos desejos do povo. **Literartes**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 9, p. 169–182, 2018.

VECCHI, Roberto. *Genius Loci* e a imprescritibilidade do mito: arquiteturas simbólicas em tramas urbanas pós-coloniais (Luanda e Maputo). In.: RIBEIRO, Margarida Calafate; NOA, Francisco (Orgs.). **Memória, Cidade e Literatura: De São Paulo de**

Leticia Vital Ferreira

Sem passado, sem futuro: a representação das elites e a utopia possível em *O desejo de Kianda*

Assunção de Loanda a *Luuanda*, de Lourenço Marques a Maputo. Porto: Edições Afrontamento, 2019, p.201-211.